



VIAGEM Atribulada

*É se o fim
da estrada
for o início
da nossa
vida?*



Beth O'Leary
autora de

APARTAMENTO
partilha-se

TOP
SEL
LER

AGORA

Dylan

— **E**m tempo algum teve a amizade uma viagem tranquila, é o que estou a tentar explicar-te — diz-me o Marcus, remexendo no cinto de segurança.

É a primeira vez que ouço um pedido de desculpa sincero do meu amigo, e até agora já envolveu seis lugares-comuns, duas referências literárias esquartejadas e nenhum contacto visual. A palavra «desculpa» foi mencionada, mas precedida de «Não sou muito bom a pedir», o que, de certa forma, subverteu a sua sinceridade.

Meto outra mudança.

— Não será antes *o amor que em tempo algum teve um curso tranquilo?* Em *Sonho de uma Noite de Verão*, se não me engano.

Passamos ao lado do Tesco, aberto 24 horas. São 4h30 da manhã, o ar é denso e está escuro, mas a luz amarelada da loja ilumina os três ocupantes do carro à nossa frente como se tivessem ficado sob o foco de um holofote. Estamos quase colados a eles, seguindo ambos o lento e matraqueador andamento de um camião.

Por instantes, vejo o rosto da condutora no espelho retrovisor. Parece mesmo a Addie. Quando pensamos numa pessoa frequentemente, começamos a vê-la em todo o lado.

O Marcus bufa de irritação.

— Estou a falar dos meus sentimentos, Dylan. Olha que não é fácil. Por favor, deixa de ser um idiota egocêntrico e ouve o que te estou a dizer.

Sorrio.

— Está bem. Estou a ouvir.

Avançamos, passando a padaria. Os olhos da condutora à nossa frente voltam a ficar iluminados no espelho, e eu reparo que tem as sobrancelhas ligeiramente arqueadas por trás de uns óculos quadrados.

— Só estou a dizer que tivemos algumas contrariedades, eu sei disso, e não lidei bem com a situação, e... é uma pena que tenha sido assim.

É impressionante, na verdade, os nós linguísticos em que ele se enreda para evitar um simples «desculpa». Permaneço em silêncio. O Marcus tossica e impacienta-se um pouco mais, e eu quase sinto pena dele e lhe digo que não faz mal, que não tem de o dizer se ainda não está preparado, mas, ao passarmos lentamente pelo corretor de apostas, outro clarão de luz ilumina o carro à nossa frente e eu esqueço o Marcus. A condutora baixou o vidro, pôs o braço de fora e pousou a mão no tejadilho. As luzes dos faróis fazem brilhar as pulseiras que lhe decoram o pulso. Aquele gesto é-me tão dolorosamente familiar — o braço, delgado e pálido, e aquelas pulseiras, as contas redondas e infantis amontoadas em volta do pulso. Era capaz de as reconhecer onde quer que as visse. O meu coração sobressalta-se porque é mesmo ela, é a Addie, e o seu olhar encontra o meu no espelho retrovisor.

E é então que o Marcus dá um grito.

Como já antes, ao passarmos por um anúncio a rolinhos de salsicha vegetarianos, ele tinha soltado um grito semelhantemente horrorizado, acabo por não ser tão célere a reagir como devia. Quando o carro à nossa frente trava repentinamente e eu não consigo carregar no travão do pesado *Mercedes* do pai do Marcus, já só tenho tempo para me lamentar.

Addie

*P*um!

A minha cabeça dá um coice tão grande que os óculos saem disparados das orelhas, voando por cima do encosto de cabeça. Alguém grita. *Ai, porra!, dói-me tanto o pescoço. Céus, o que é que eu fiz? Bati em alguma coisa?*, é o que me ocorre.

— Merda! — exclama a Deb, ao meu lado. — Estás bem?

Tateio à procura dos óculos. Não estão na cara, obviamente.

— O que é que aconteceu? — pergunto.

Levo as mãos trémulas ao volante, depois ao travão de mão e por último ao espelho retrovisor. Tento orientar-me.

Sem os óculos, e através do espelho, vejo-o ligeiramente desfocado. Um pouco irreal. Mas é ele, sem dúvida. É-me tão familiar que, por instantes, parece que estou a olhar para o meu reflexo. De súbito, o meu coração acelera.

A Deb sai do carro. À nossa frente, o camião do lixo arranca e os faróis dianteiros iluminam a cauda da raposa que o fez travar. O animal afasta-se para o passeio em passos vagarosos. Lentamente, junto as peças do que acabou de acontecer: o camião travou por causa de uma raposa, eu travei por causa do camião e, atrás de mim, o Dylan nem sequer travou. E então... *trás!*

Olho para o Dylan pelo espelho. Ele continua a olhar para mim. Tudo parece abrandar ou silenciar-se ou desvanecer-se, como se alguém tivesse desacelerado o mundo.

Há 20 meses que não o via. Ele devia ter mudado. Tudo o resto mudou. Mesmo a esta distância, mesmo na penumbra, reconheço o contorno

do seu nariz, as longas pestanas, os olhos esverdeados. Sei que esses olhos estarão tão arregalados como estavam quando me deixou.

— Bom, o *Mini* não nos deixou ficar mal — comenta a minha irmã.

O *Mini*. O carro. Volto ao presente e tiro o cinto de segurança. As minhas mãos tremem de tal maneira que preciso de três tentativas. Quando volto a olhar pelo espelho retrovisor, a minha atenção centra-se no Rodney, encolhido no banco traseiro com as mãos a proteger a cabeça e o nariz a tocar nos joelhos.

Merda. Tinha-me esquecido do Rodney.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe, ao mesmo tempo que a Deb me pergunta:

— Addie? Estás bem? — Torna a meter a cabeça para dentro do carro e faz um esgar. — Também te dói o pescoço?

— Sim — respondo, porque, assim que ela o refere, dou-me conta de que me dói bastante o pescoço.

— Céus — geme o Rodney, saindo daquela posição. — O que é que aconteceu?

Ontem à noite, o Rodney fez uma publicação no grupo do *Facebook* «A Cherry e o Krish vão Dar o Nó» a pedir boleia para o casamento. Ninguém lhe respondeu, e eu e a Deb tivemos pena dele. Tudo o que sei sobre o Rodney é que bebe um iogurte de cereais ao pequeno-almoço, que está sempre corcovado e que a sua t-shirt diz «Não paro de premir *esc*, mas continuo aqui»; porém, acho que dá para ficar com uma ideia geral.

— Um idiota qualquer num *Mercedes* bateu-nos por trás — explica a Deb, endireitando-se para observar o carro atrás de nós.

— Deb... — digo.

— Sim?

— Acho que é o Dylan. Naquele carro.

Ela torce o nariz e baixa-se para me fitar.

— O Dylan *Abbott*?

Engulo em seco.

— Sim.

Arrisco olhar por cima do ombro. O meu pescoço protesta. É nessa altura que reparo no homem que sai do lugar do passageiro. Esguio e fantasmagoricamente pálido na rua escura, os caracóis a refletirem a luz das montras atrás de si. O meu pobre coração acelera de novo.

— Ele está com o Marcus — declaro.

— O *Marcus*? — repete a Deb, arregalando os olhos.

— Sim. Oh, céus. — Isto é terrível. O que devo fazer agora? Falo com a seguradora? — O carro está bem? — indago.

Saio do *Mini* ao mesmo tempo que o Dylan sai do *Mercedes*. Veste uma t-shirt branca, calções de sarja e sapatos de vela estafados. Tem um mosquetão na presilha, que desaparece no bolso. Foi ideia minha, para impedir que perdesse as chaves.

Avança para a luz dos faróis do *Mercedes*. Está tão bonito que sinto um aperto no coração. Vê-lo é mais difícil do que eu julgara. Quero fazer tudo em simultâneo: correr para ele, fugir dele, enroscar-me, chorar. Tenho esta sensação completamente ridícula de que alguém fez asneira, como se alguma coisa não tivesse sido devidamente arquivada algures no universo. Eu ia ver o Dylan este fim de semana, pela primeira vez em quase dois anos, sim, mas isso só iria acontecer no casamento.

— Addie? — diz ele.

— Dylan — balbucio.

— É mesmo verdade que um *Mini* acabou de espatifar o *Mercedes* do meu pai? — pergunta o Marcus.

A minha mão desvia-se timidamente para a franja. Sem maquiagem, jardineiras amarrotadas, cabelo desgrenhado. Passei *meses* a planear o modelito que iria usar quando voltasse a ver o Dylan, e não era este, garanto. Porém, ele não me olha dos pés à cabeça, nem sequer repara que pintei o cabelo de outra cor — olha-me nos olhos e não os desvia. É como se o mundo tivesse tropeçado e precisasse de recuperar o fôlego.

— Raios partam! — exclama o Marcus. — Um *Mini*! Que indigno!

— Que diabo! — diz a Deb. — O que é que estavas a fazer? Enfiaste-te na nossa traseira!

O Dylan olha em redor, desnorteado. Eu recomponho-me.

— Alguém se magoou? — indago, esfregando o pescoço. — Rodney?

— Quem? — pergunta o Marcus.

— Estou bem — responde o Rodney, que permanece no carro.

A Deb ajuda-o a sair. Eu deveria tê-lo feito. Sinto-me um pouco confusa.

— Merda — pragueja o Dylan quando repara no para-choques amolgado do *Mercedes*. — Desculpa, Marcus.

— A sério, meu, não te preocupes com isso — replica o Marcus. — Fazes ideia de quantas vezes destruí um dos carros do meu pai? Ele nem sequer vai notar.

Vou examinar a traseira do *Mini* da Deb. Até nem está muito mal. A pancada foi tão ruidosa que esperava ver alguma coisa caída. Uma roda, por exemplo.

Quando dou conta, já a Deb está ao volante a dar à chave.

— Está a trabalhar! — anuncia. — Que belo carro. Que dinheiro tão bem gasto. — Avança um pouco, sobe o passeio e liga os quatro piscas.

O Dylan volta a entrar no *Mercedes* e remexe no interior do porta-luvas. Ele e o Marcus conversam sobre a assistência em viagem, o Marcus reencaminha-lhe um e-mail do seu telefone, e eu penso: *Sim, é isso, o cabelo do Dylan está mais curto. É isso mesmo.* Sei que devia focar-me no acidente, mas tudo o que consigo fazer é tentar detetar diferenças, olhar para o Dylan e pensar: *O que é que falta? O que é que está diferente?*

Ele volta a encarar-me. Sinto calor. Há algo no olhar do Dylan — o tipo de olhar que nos enreda, como uma teia. Obrigo-me a desviar os olhos.

— Então... presumo que também vão ao casamento da Cherry? — pergunto ao Marcus. Tenho a voz a tremer. Não consigo olhar para ele. De súbito, sinto-me grata por ter a amolgadela no para-choques traseiro do *Mini* para examinar.

— Bom, íamos — responde o Marcus, num tom de voz arrastado, olhando para o *Mercedes*. Talvez ele também não consiga olhar para mim. — Mas agora não há maneira de este menino conseguir fazer quase 650 quilómetros. Tem de ir para a oficina. O teu também devia ir.

A Deb emite um ruído depreciativo. Está novamente fora do carro, a limpar um risco na pintura com a manga da sua camisola velha e desbotada.

— Ora essa, o nosso *Mini* está ótimo — replica ela, abrindo e fechando o capô. — Um pouco amolgado, nada mais.

— Marcus, o carro está a passar-se — diz o Dylan.

De onde me encontro, consigo ver o painel de instrumentos do *Mercedes* a acender e a apagar. A luminosidade dos quatro piscas também parece demasiado brilhante. Viro a cara para o lado. Já era de esperar. Quando o carro do Marcus se avaria, é o Dylan quem tenta resolver a situação.

— O reboque chega dentro de meia hora — diz o Dylan.

— Meia hora? — repete a Deb, incrédula.

— Faz tudo parte do serviço — esclarece o Marcus, apontando para o carro. — É um *Mercedes*, minha querida.

— Chamo-me Deb. Não é minha querida. Já falámos várias vezes.

— Sim. Eu lembro-me — responde o Marcus, embora não soe muito convincente.

Enquanto tentamos resolver o problema do seguro, sinto o olhar do Dylan a atrair-me. Atrapalho-me com o telemóvel, a Deb procura a papelada no porta-luvas e, durante todo esse tempo, sinto-me excessivamente consciente da presença do Dylan. É como se ele ocupasse dez vezes mais espaço do que qualquer outra pessoa.

— E agora como é que vamos ao casamento? — pergunta o Marcus assim que terminamos.

— Temos de apanhar um transporte público — responde o Dylan.

— Transporte *público*? — diz o Marcus, como se alguém lhe tivesse sugerido que fosse ao casamento da Cherry de tobogã. Parece que o Marcus continua um pedante. Não me surpreende.

O Rodney pigarreia. Está encostado à lateral do *Mini*, com os olhos fixos no telemóvel. Sinto-me mal. Passo a vida a esquecer-me dele. Neste momento, o meu cérebro não tem espaço para o Rodney.

— Se arrancassem agora, segundo o *Google*, a hora de chegada seria... às 14h30 — informa ele.

O Marcus consulta o relógio.

— OK — diz o Dylan. — Parece-me bem.

— De terça-feira — termina o Rodney.

— O quê?! — exclamam o Dylan e o Marcus em coro.

O Rodney esboça uma expressão como que a pedir desculpa.

— São quatro e meia da manhã de um domingo, num fim de semana de feriado, e vocês querem viajar de Chichester até à Escócia rural.

O Marcus agita as mãos no ar.

— Este país está um caos.

A Deb e eu entreolhamo-nos. *Não, não, não, não.*

— Vamos embora — digo, avançando para o *Mini*. — Conduzes tu?

— Addie... — começa a Deb a dizer, ao ver-me a entrar para o lugar do passageiro.

— Onde é que pensam que vão? — pergunta o Marcus. Fecho a porta do carro com estrépito. — Ei! — exclama o Marcus ao ver a Deb a sentar-se ao volante. — Têm de nos dar boleia até ao casamento!

— Não — digo à Deb. — Ignora-o. Rodney! Entra!

O Rodney obedece, o que é simpático da parte dele. Em rigor, não o conheço bem o suficiente para gritar com ele.

— Que raio?! Addie, vá lá. Se não nos deres boleia, não vamos chegar a tempo — argumenta o Marcus. Está junto à janela do meu lado. Bate no vidro com os nós dos dedos, mas eu não o desço. — Addie, vá lá! De certeza que deves algum favor ao Dylan, que raio!

O Dylan diz qualquer coisa ao Marcus, mas eu não consigo perceber o quê.

— Ele é um idiota, que raio! — comenta a Deb com o sobrolho franzido.

Fecho os olhos.

— Achas que consegues? — pergunta-me a Deb. — Dar-lhes boleia?

— Não. Não aos dois.

— Então, ignora-o. Vamos embora.

O Marcus volta a bater no vidro. Cerro os dentes, com o pescoço ainda dorido, e mantenho o olhar no para-brisas.

— Esta viagem era para ser *divertida* — declaro.

É o primeiro fim de semana da Deb longe do Riley, o seu filho bebé. Não falamos de outra coisa há meses. Ela planeou todas as paragens, todos os petiscos.

— Vai continuar a ser divertida — responde a Deb.

— Não temos espaço — argumento.

— Eu posso encolher-me! — oferece o Rodney.

O Rodney irrita-me.

— É uma viagem *tão* longa, Deb — insisto, calcando os olhos com os punhos. — Horas e horas fechadas no mesmo carro com o Dylan. Passei quase dois anos a esquivar-me a ele em Chichester, para não ter de o ver nem por *um segundo*, não vou agora passar oito horas com ele.

— Não estou a dizer que tens de o fazer — salienta a Deb. — Por mim, vamos embora.

O Dylan foi estacionar o *Mercedes* num lugar mais seguro para aguardar pelo reboque. Viro-me no preciso instante em que ele sai do carro, magro e mal-arranjado no seu metro e oitenta.

Assim que os nossos olhares se cruzam, percebo que não o vou deixar ali.

Ele também sabe. «Desculpa», articula com os lábios, em silêncio.

Se eu tivesse uma moeda por cada pedido de desculpa do Dylan Abbott, já teria dinheiro suficiente para comprar aquele *Mercedes*.

Dylan

Por vezes, ocorre-me um poema quase completo, como se alguém o tivesse lançado na minha direção, à laia de *Frisbee*. Ao entrar para o banco traseiro do carro da Deb, sentindo o perfume dolorosamente familiar da Addie, vêm-me à cabeça dois versos e meio. «Semelhante e diferente/Olhos fixos nos meus/E eu estou...»

Estou o quê? Estou em frangalhos. Sempre que olho para a Addie, há algo dentro de mim que pula, como um golfinho, e seria de acreditar que 20 meses volvidos não doesse tanto, mas dói, ao ponto de ter vontade de *gerner*.

— Cheguem-se para lá — pede o Marcus, empurrando-me contra o ombro do Rodney. Estico a mão, que por pouco não aterra no colo dele.

— Desculpa — digo ao mesmo tempo que ele.

Tenho as palmas das mãos húmidas e frias e não paro de engolir em seco; como se assim conseguisse manter os sentimentos lá no fundo. A Addie está tão diferente: tem o cabelo quase tão curto como o meu e pintado de cinzento-prateado, e os óculos — milagrosamente recuperados do interior do *Mini* após o acidente — são de armação grossa, estilo *hipster*. É possível que esteja mais bonita do que antes. De certa forma, é como se estivesse a olhar para a gémea idêntica da Addie: igual, mas diferente. *Semelhante e diferente*.

Sinto que devia dizer alguma coisa, mas não me ocorre nada. Dantes, era bom neste tipo de coisas — tinha uma atitude descontraída. Encaixo-me no pequeno assento do meio e fico a ver o carro do pai do Marcus a desaparecer pela estrada escura, preso à traseira

do reboque, e desejo poder recuperar alguma da presunção que possuía quando conheci a Addie e não fazia a mais pálida ideia de como ela iria mudar a minha vida.

— E decidiram sair tão cedo porquê? — pergunta a Addie, assim que a Deb arranca da berma da estrada. — Detestas viajar tão cedo.

Está a maquilhar-se, usando o espelho na pala do lugar do passageiro. Vejo-a a aplicar no rosto uma pasta que colocou nas costas da mão.

— Já estás desatualizada — declara o Marcus, dando-me cotoveladas nas costelas enquanto procura uma posição mais confortável. — Hoje em dia, o Dylan acredita piamente que as viagens longas *devem* começar às quatro da manhã.

Olho para os joelhos, constrangido. Foi a Addie que me fez ver que era bem melhor dar início a uma viagem no silêncio da madrugada, com o dia ainda todo pela frente. Embora ela tenha razão: quando estávamos juntos, eu reclamava sempre porque ela nos obrigava a sair tão cedo.

— Bom, ainda bem que saímos cedo — gorjeia o Rodney, enquanto olha para o telemóvel, com os cotovelos colados ao corpo.

O Marcus não mostra a mesma preocupação em relação ao meu conforto: vai de pernas escancaradas, o joelho pressionado contra o meu e um cotovelo quase no meu colo. Suspiro.

— Mesmo assim, já vai ser mesmo à justa para o churrasco de família — prossegue o Rodney. — Temos mais de oito horas de viagem pela frente e já são cinco e meia.

— Ah, vocês vão ao churrasco pré-casamento? — pergunto.

Ele assente com a cabeça. A pergunta é uma tentativa descarada de perceber o que faz o Rodney aqui, mas tenho esperança de que passe por mera simpatia. Por um terrível e pesado segundo, quando o vi a sair do carro pela primeira vez, julguei que ele era o acompanhante da Addie. Há uns meses, a Cherry tinha comentado que talvez ela levasse alguém. Mas não me parece existir nenhuma ligação entre eles. A Addie parece ignorá-lo.

Na verdade, ela parece ignorar toda a gente. Após aquela primeira e dolorosa troca de olhares, tem evitado encarar-me diligentemente, de cada vez que tento chamar a sua atenção. O Marcus tamborila ruidosamente no vidro ao seu lado e a Deb fulmina-o com o olhar, tentando concentrar-se na condução.

— Podemos ouvir música? — pede ele.

Ainda a Addie não carregou no *play* e já eu sei o que se vai seguir. Assim que ouço as notas de abertura, tento conter um sorriso. Não conheço a canção, mas é impossível não reconhecer a música *country* logo que começa a tocar. Bastam alguns acordes para saber que vamos ouvir histórias de beijos trocados num alpendre, de idas a bares manhosos, de viagens de carro com raparigas atraentes no banco do passageiro. A Addie e a Deb gostam de música *country* desde a adolescência. Eu implicava com a Addie por causa disso, o que era particularmente hipócrita da minha parte, uma vez que a minha *playlist* de «Viagem Longa» é composta quase em exclusivo por canções da Taylor Swift. Agora não consigo ouvir um banjo sem pensar na Addie a dançar ao som dos Florida Georgia Line com uma das minhas camisas vestidas, na Addie a cantar *Watching You*, de Rodney Atkins, com as janelas do carro escancaradas, na Addie a despir-se lentamente ao som de *Body Like a Back Road*.

— Esta talvez não — diz a Addie, com a mão a pairar sobre o telemóvel.

— Eu gosto! Não tires — pede a Deb, aumentando o volume.

— Que diabo é isso? — indaga o Marcus.

Vejo a Addie a reagir ao tom dele endireitando os ombros.

— É Ryan Griffin — responde ela. — Chama-se *Woulda Left Me Too*. Estremeço. O Marcus solta uma gargalhada trocista.

— Ah, sim? — diz.

— Faz parte da *playlist* «Country de Ouro» — esclarece a Addie. Um rubor rosado surge na pele do seu pescoço, em pequenas manchas, como pétalas. — E é o que vamos ouvir nas próximas oito horas. Por isso, é bom que te habitues.

O Marcus abre a porta do carro.

— Mas que ra...

— Marcus, mas que raio?!

Instala-se um ligeiro alvoroço no banco traseiro. O Marcus afasta-me com o cotovelo. A porta está apenas ligeiramente aberta, mas o vento entra no carro, e o Rodney inclina-se sobre mim, tentando alcançar o manípulo da porta para a fechar. Às tantas, quando já estão quatro ou cinco mãos a arranhar a porta, para depois se arranharem umas às outras, o cabelo oleoso do Rodney na minha cara, a minha perna sobre a perna do Marcus...

— Eu apanho boleia! — grita o Marcus. Dou-me conta da adrenalina na voz dele, do entusiasmo que ele mostra quando faz alguma parvoíce. — Deixem-me sair! Não consigo aguentar oito horas disto! Desliga isso! — Continua a rir às gargalhadas, mesmo quando lhe bato na mão com tanta força que fico com a palma a arder.

— És doido! — exclama o Rodney. — Vamos a 90 à hora!

O carro guina. Vejo os olhos da Deb no espelho retrovisor: estão semicerrados, numa expressão de concentração, enquanto ela tenta manter-se na sua faixa. À nossa direita, os automóveis passam num fluxo de faróis demasiado brilhantes que deixam, no meu campo de visão, faixas de um amarelo-pálido.

A Addie desliga a música. O Marcus fecha a porta. Agora que a música parou e o vento já não uiva pela porta, conseguimos ouvir todos os ruídos no interior do carro: a respiração pesada do Rodney, a Deb a relaxar no lugar do condutor. Depois da adrenalina da briga, vem a estranha vontade de esmurrar o Marcus.

— Que *raio* se passa contigo? — cicio.

Nessa altura, sinto a Addie a virar-se para mim — provavelmente perplexa —, mas, quando consigo encará-la, já ela está a olhar de novo para a estrada.

O Marcus engole em seco e olha-me de soslaio. Apercebo-me de que ele já se arrependeu do seu comportamento, mas eu estou demasiado irritado para o reconhecer. Passados alguns minutos, ele solta uma gargalhada forçada.

— Queremos música de viagem! — pede. — Escolhe qualquer coisa do Springsteen, pode ser?

A Addie não lhe responde.

— Deb — diz, por fim —, para na próxima estação de serviço, por favor.

— Precisas de fazer chichi? — pergunta a Deb.

— Não — responde a Addie. — É para deixarmos o Marcus. Para ele poder apanhar boleia. Tal como pediu.

Ela torna a pôr a música *country* a tocar.

Addie

Avançamos vários quilómetros sem ver uma estação de serviço. Quando, finalmente, chegamos a uma, preciso mesmo de ir fazer chichi. E de apanhar um pouco de ar. O *Mini* começa a parecer o carro mais pequeno do mundo.

— Vamos mesmo deixar o Marcus aqui? — indaga uma voz preocupada atrás de mim quando atravesso a bomba de gasolina em passo acelerado. O meu objetivo é avançar o mais depressa possível, para que o Dylan não consiga acompanhar-me e não haja conversas entre nós. Desde que entrámos no carro que tenho conseguido evitar trocas de olhares com ele. Acredito que seja um plano viável para os próximos 650 quilómetros.

O Rodney consegue andar bastante depressa, para um homem tão desajeitado. Olho para trás, para lhe responder.

— Não, não creio, Rodney. O Marcus tem tendência para o dramatismo. É melhor cortá-lo logo pela raiz, senão ele passa o dia todo nisso.

— De onde é que o conheces?

O Rodney corre para me abrir a porta do estabelecimento. Pestanejo. É tão desengonçado. Há algo de adolescente nele, embora deva ter uns 30 anos.

— Eu e o Dylan namorámos.

— Ah. Ah. Oh, meu Deus, que embaraçoso! — exclama ele, tapando a boca com ambas as mãos.

Desato a rir, surpreendendo-me a mim própria.

— Pois, é mais ou menos isso.

Agarro um punhado de chocolates. Eu e a Deb empacotámos *snacks* suficientes para duas pessoas, mas o Dylan come como um animal. Se ele perceber que temos doces, vamos ficar sem nada antes de chegarmos a Fareham.

— Desculpa teres sido apanhado no meio disto — digo ao Rodney. — Mas vai correr tudo bem. Eu e o Dylan sabemos comportar-nos com civismo, não te preocupes.

— Ah, então foi um fim amigável? — pergunta ele, pegando num cesto e estendendo-o na minha direção. Coloco os chocolates lá dentro, mais cinco pacotes de bolachas e uma miscelânea de doces.

— Hum... amigável?

A noite em que o Dylan me deixou, gritei com ele. Mas não os gritos que se imaginam nestas situações. Foi mesmo aos berros: de boca escancarada, o som a apertar-me a garganta. Bati-lhe no peito com os punhos cerrados e solucei até o meu corpo não aguentar mais. Depois, não comi durante três dias.

— Mais ou menos — respondo. — Foi mais ou menos amigável.

Quando regressamos ao carro, o Dylan está encostado à porta, de braços cruzados, a olhar para o lado esquerdo. O sol nasce atrás dele. Parece um modelo de um póster de uma banda *indie*, ou de um perfume caro. Continua desgrenhado e com um olhar sonhador, mas parece mais adulto, mais maduro.

Fito-o durante mais tempo do que devia, e ele apanha-me a olhar, um instante apenas antes de eu baixar a cabeça.

— Addie — começa ele, quando me aproximo, avançando para me ajudar com os sacos. Contorno-o e dirijo-me para a bagageira do carro. — Addie, por favor — insiste ele, baixando a voz. — Devíamos falar. Vamos ficar fechados no mesmo carro durante grande parte do dia. Não queres... tornar isto menos... constrangedor?

Fecho a bagageira. Foi a custo que consegui lá encaixar as compras, e agora a visibilidade atrás é bastante reduzida. O Dylan e o Marcus

levam mais malas do que a Mariah Carey, e depois há ainda toda a parafernália de amamentação da Deb: duas bombas, a geleira, biberões...

— Vou esticar as pernas — diz o Rodney. — Vejo-vos em cinco minutos?

Eu não lhe devia ter dito que tinha sido mais ou menos amigável. Se lhe tivesse contado que o Dylan me arruinara a vida, o Rodney não me teria deixado sozinha com ele.

— Addie... não consegues sequer olhar para mim?

Para ser sincera, não sei se consigo. Olhar para o Dylan é doloroso. É como se fôssemos dois ímanes com o mesmo polo a afastarem-se um do outro. Ao invés, contemplo o espaço verde onde algumas pessoas passeiam os seus cães. Vejo um pequeno caniche a correr em círculos, e um cão-salsicha com uma ridícula coleira cor-de-rosa. O sol eleva-se atrás deles, lançando longas sombras na relva. Avisto o Marcus, agachado, a fazer festas a um pastor-alemão. Espero que o cão não seja antipático. Não quero que o Marcus leve uma dentada, mas talvez o pastor-alemão lhe pudesse ladrar um bocado.

— Onde está a Deb? — pergunto.

— Recebeu um telefonema da tua mãe por causa do Riley.

Olho para ele.

— Ela falou-te do Riley?

O olhar dele é meigo.

— Agora mesmo. Pensei que... pensei que me contasses essas coisas, sabes? Como o facto de a Deb ter um bebé.

— Dissemos que não haveria qualquer contacto entre nós.

— Tu é que disseste, Addie. Eu não. — Arqueio as sobrancelhas.
— Desculpa — diz ele. — Desculpa.

Brinco com as pulseiras. Pinte as unhas para o casamento, mas estão tão curtas que parecem ridículas. Pequenos cotos vermelhos.

— Fico muito contente pela Deb — declara o Dylan, perante o meu silêncio.

— E um pouco surpreendido? — Ele sorri, e eu sorrio também, inadvertidamente. — Não vais perguntar quem é o pai?

— Presumo que ela não tenha precisado de um — responde o Dylan.
— Como Gaia, sabes? Quando deu à luz Úrano?

O meu sorriso aumenta contra a minha vontade.

— Sabes perfeitamente que não sei — replico, num tom seco.

— Certo — apressa-se ele a dizer. Penteia o cabelo para trás, como se continuasse comprido o suficiente para lhe cair sobre os olhos, um velho tique. — Mitologia grega... uma referência pomposa, desculpa. O que eu queria dizer era que a Deb nunca precisou de um homem, não é? Não que alguém precise de um homem, mas... Oh, céus.

— Vamos lá levar este espetáculo para a estrada! — exclama uma voz atrás de nós. O Marcus abre a porta traseira. — É melhor ligares o motor. O Rodney vem aí a toda a velocidade.

Volto-me no instante em que a Deb aparece, a guardar o telemóvel no bolso da camisola com capuz. Senta-se ao lado do Marcus quando eu ocupo o lugar do condutor. Entro em pânico: isso significa que o Dylan vai à frente comigo?

— O que está o Rodney a fazer? — pergunta a Deb.

Olho para trás, na direção do espaço verde. O Rodney vem a correr para o carro, uma agitação de braços e pernas e cabelo a esvoaçar. Atrás dele, o pastor-alemão arrasta o dono pela trela.

— Oh, fantástico — murmuro, introduzindo a chave na ignição.

O Marcus grita de satisfação quando o Rodney se senta atrás, ofegante.

— Desculpem! — diz. — Desculpem! Desculpem!

A Deb imita uma espécie de latido abafado.

— Cuidado com essas mãos — resmunga ela. — Essa passou muito perto da minha vagina.

— Oh, meu Deus, desculpa! — exclama o Rodney, absolutamente mortificado e esbaforido.

O Dylan senta-se à frente e tenta captar o meu olhar.

— Não partiste nada — responde a Deb. — É resistente. Não nos podemos esquecer de que saiu por aqui um bebé.

— Oh, não — geme o Rodney. — Oh, eu não... Peço imensa desculpa.

— Já me tinha esquecido do quanto gosto de ti, Deb — declara o Marcus.

— A sério? — pergunta a Deb, num tom curioso. — Porque eu não gosto nada de ti.

Arranco da estação de serviço. Não consigo resistir e, por segundos, o meu olhar desvia-se para o Dylan, sentado no lugar do passageiro.

— Só faltam 575 quilómetros — murmura ele, tão baixinho que só eu é que ouço.

O Marcus explica à Deb que se sente muitas vezes «incompreendido» e que está «a mudar, tal como um libertino de um romance de cordel do século XIX».

— Sim, 575 quilómetros — repito. — De certeza que a viagem vai passar num instante.

Dylan

Avançamos velozmente pela A34. O calor já se faz sentir, espesso como mel, viscoso e doce. Está uma gloriosa manhã de verão, com o céu de um azul profundo e os campos de cada lado da estrada a brilharem em tons de amarelo. É aquele tipo de dia que sabe a gelado, a protetor solar e a morangos maduros; o tipo de dia que pede bastantes gins tónicos.

— Se continuar assim, os chocolates vão derreter — comenta a Addie, baixando a temperatura do ar condicionado.

Animo-me.

— Chocolates?

— Não são para ti — replica ela, sem tirar os olhos da estrada.

Afundo-me no assento. Julgava que tínhamos feito progressos. Momentos antes, ela virara-se para mim e esboçara-me um ligeiro sorriso, como se me estivesse a dar a provar uma coisa deliciosa, e o meu coração disparara. Um sorriso da Addie é como um daqueles prémios difíceis de conseguir, mas que, quando se ganham, são verdadeiramente arrebatadores. O mais inquietante é que essa constatação não é menos verdadeira agora do que era há dois anos. Contudo, ela já tinha voltado à frieza anterior. Desde que saímos da estação de serviço, há meia hora, que não fala diretamente comigo. Não tenho o direito de reclamar, e a atitude dela não devia irritar-me, mas irrita. Parece mesquinhoice, e eu gosto de pensar que não somos assim.

Remexo-me no assento e ela olha-me de esguelha. Depois, estica o braço para aumentar o volume do rádio, que debita uma canção *pop*, uma música animada e repetitiva — um compromisso entre

os gostos da Addie e os do Marcus. O volume está tão alto que mal consigo acompanhar a conversa tola que se desenrola no banco traseiro. Da última vez que os consegui ouvir, o Rodney estava a explicar as regras do *quidditch* à Deb, com as ocasionais achegas divertidas por parte do Marcus.

— Vá... Diz lá o que tens a dizer — pede a Addie.

— Sou assim tão transparente? — pergunto, no que julgo ser um tom ligeiro.

— És — responde ela, com sinceridade.

— Eu... — Engulo em seco. — Tu continuas a castigar-me.

Arrependo-me assim que o digo.

— Eu estou a castigar-te?

O ar condicionado é um sopro tépido e lento no meu rosto. Eu preferia abrir as janelas, mas, quando tentei, o Marcus resmungou que lhe despenteava o cabelo, e eu não tenho paciência para voltar a essa conversa. Inclino-me de maneira que o fluxo de ar me atinja apenas de lado, pois assim permite-me observar a Addie. Tem as pontas das orelhas vermelhas; são visíveis por entre as pontas do cabelo. Está de óculos de sol e tem os outros óculos no cimo da cabeça, a segurar a franja para trás. A antiga cor do seu cabelo percebe-se nas raízes.

— Continuas sem falar comigo.

— Não falar nunca foi para te castigar, Dylan. Na verdade, não tinha nada que ver contigo. Precisei de espaço.

Baixo o olhar para as mãos.

— Pensei que, mais cedo ou mais tarde, deixarias de precisar de espaço.

Ela olha para mim. Não consigo ver-lhe os olhos por detrás das lentes escuras.

— Estavas à espera? — pergunta ela.

— Não... não propriamente *à espera*, mas...

Quando me calo, o silêncio estende-se, como uma fita demasiado comprida. Reparo na expressão da passageira do carro ao nosso lado, uma mulher de meia-idade com um boné, que nos olha com perplexidade.

Olho para os outros, no banco de trás, e imagino o que ela estará a ver: um grupo heterogéneo de jovens alegremente amontoados num *Mini* vermelho às 7h30 da manhã de um domingo.

A mulher nem faz ideia. Se fosse possível criar energia a partir de segredos, não precisaríamos de combustível — os ressentimentos neste carro seriam suficientes para chegarmos à Escócia.

Cinco pessoas à boleia de um passado que precisa de ser revivido.

Addie e Deb estão de malas feitas para uma viagem de carro até à Escócia para assistirem ao casamento de uma amiga. A *playlist* está a postos e as guloseimas estão preparadas, e até Rodney, um outro convidado da boda a quem vão dar boleia, se encontra devidamente instalado no banco de trás. O longo percurso promete ser uma oportunidade para as duas irmãs passarem umas belas horas de convívio.

Contudo, pouco tempo depois da partida, um outro carro embate na traseira do delas. Tudo não passaria de um pequeno contratempo, se o condutor da outra viatura não fosse Dylan, o ex-namorado de Addie, que ela anda a evitar desde a separação traumática do casal dois anos antes.

Dylan e Marcus, o seu melhor amigo, também vão a caminho do casamento, mas, agora que os dois ficaram com o carro inoperacional, Addie vê-se obrigada a oferecer-lhes boleia. E é assim que, de um momento para o outro, o *Mini* se enche de bagagem e segredos. Nos quase 650 quilómetros que têm pela frente, Addie e Dylan serão obrigados a confrontar-se com a atribulada história da sua relação e com todas as memórias de um passado com muitos problemas por resolver.

Mais histórias imperdíveis da mesma autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-850-4



9 789895 648504

Ficção Romântica